



## **Táticas e Estratégias no Discurso do Personagem da “Vida Real” Tião Santos<sup>1</sup>**

Gyssele MENDES<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

### **Resumo**

Este trabalho pretende focar os discursos produzidos pelo personagem Tião Santos, central no documentário “Lixo Extraordinário” (2009), enquanto líder e voz autorizada, construída por esta mesma mídia audiovisual, nos discursos que tangenciam o filme, como por exemplo, em questões relacionadas ao meio ambiente, sustentabilidade e lixo. A partir destes recortes, serão aplicados os conceitos de táticas e estratégias, do historiador Michel de Certeau.

### **Palavras-chave**

Consumo; Táticas e Estratégias; Lixo Extraordinário; Discurso

### **Introdução**

O presente artigo é parte do projeto de monografia em desenvolvimento para conclusão da graduação em Estudos de Mídia. Portanto, tem-se aqui apontamentos iniciais que serão aprofundados no decorrer da pesquisa. Em linhas gerais, o projeto buscará relacionar as transformações ocorridas na ordem discursiva referente ao universo do descartável com a mídia, a sociedade de consumo e a cultura de consumo.

O universo do descartável referente ao lixo tem sido objeto de representações na mídia, como filmes, dando visibilidade aos sujeitos inscritos nesse universo antes condenados ao esquecimento. O documentário “Lixo Extraordinário” (Lucy Walker, Karen Harley e João Jardim, 2009) é uma dessas representações. Em busca de novos materiais e perspectivas para a composição de um projeto, associado a uma intenção social, o renomado artista plástico Vik Muniz “descobre” o Jardim Gramacho. Escolhe seis catadores como personagens principais: Ísis, Tião, Irmã, Zumbi, Suellem e Magda.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Divisão Temática de Audiovisual, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Estudos de Mídia da UFF/RJ, email: gyssele@gmail.com



O artista propõe o trabalho de fotografá-los e elaborar quadros que ganhariam forma a partir do material reciclável. As criações seriam vendidas e o dinheiro arrecadado seria revertido para a ACAMJG – Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho.

Tendo esse cenário em mente, este trabalho pretende recortar os discursos produzidos por e sobre Tião Santos, enquanto “personagem da vida real” central no documentário “Lixo Extraordinário”, e enquanto líder e voz autorizada, construída por esta mesma mídia audiovisual, nos discursos que tangenciam o filme, como por exemplo, em questões relacionadas ao meio ambiente, sustentabilidade e lixo.

Adotamos o documentário como “ponto de partida” da trajetória discursiva que queremos tratar. Isto se dá por considerarmos que neste caso, a visibilidade midiática concedida a Tião via filme ampliou seu campo de possibilidades de ação, visto aqui como um deslocamento do espaço tático para o espaço estratégico de fala. De acordo com o historiador Michel de Certeau (1998), no jogo entre os fortes e os fracos, as táticas seriam os “modos de fazer com” dos fracos, que resistiriam através dos recursos que estivessem disponíveis. Já as estratégias seriam próprias dos fortes, que constituiriam os poderes preliminares aos saberes, ou seja, as estratégias pertenceriam aos que detém o poder de significar, por exemplo, as instituições sociais.

Assim, o trabalho será dividido da seguinte forma: inicialmente serão investigadas as falas do personagem no documentário, relacionando-as ao uso das táticas como mecanismos de inserção quase invisíveis na disputa discursiva. Em seguida, apresentaremos exemplos das falas de Tião Santos em duas palestras pós filme, realizadas em 2011, já com seu lugar de fala legitimado e estrategicamente posicionado. Por fim, o deslocamento percebido será discutido como fruto do agenciamento da mídia, a partir do seu lugar de postulação de poder, articulado a uma ação tática por parte do personagem nos espaços conquistados.

### **A relação entre o universo do descartável e os signos de impureza**

Para a pesquisadora Livia Barbosa, o ato de consumir como modo de reprodução física e social sempre esteve presente nas sociedades humanas (2004, p.7). Assim, o consumo no rótulo de “sociedade de consumo” sinalizaria tanto para um tipo particular de consumo como para um tipo de sociedade específica (2004, p.8). A cultura de consumo, adotada aqui como modo de reprodução e mediação sociocultural



predominante na conjuntura atual, associada a uma sociedade de consumo, capitalista e de mercado, atribuem aos objetos um caráter simbólico distinto, o fetiche, por meio dos seus dispositivos institucionais, dentre estes, o aparato midiático.

O ato de consumo pode ser pensado de forma cíclica, indo desde a exploração dos recursos naturais que serão enviados para as linhas de produção em série, passando pela distribuição desses produtos acabados nos locais designados para o seu consumo, como shoppings e hipermercados, até chegar a sua etapa final, o descarte nos aterros e lixões. O lixo é o objeto sem valor ou utilidade, cuja função primordial, porém não única, é ser descartável. Os sujeitos que sobrevivem em espaços demarcados pela presença do lixo, como os próprios aterros e lixões, agem de modo a reinventar o descartável que os cerca. Seja como forma de subsistência imediata, se alimentando deste por exemplo, seja como resultado da força de trabalho mercantilizável, estes sujeitos são igualmente considerados descartáveis pela estrutura social.

A antropóloga Mary Douglas trata em seu livro “Pureza e Perigo” (1991) da construção da noção de impureza na sociedade burguesa, quando o “discurso médico assolando o caráter simbólico das manifestações ritualísticas” (1991, p.26) vai conformando também poderes e perigos. Isso está intimamente ligado à concepção de civilização que se tornava dominante e buscava se distinguir do que considerava “primitivo”. Os signos que identificam a impureza, neste contexto, atuam como delineadores de espaços marginais que, por sua vez, são investidos de “perigosos poderes”. Dessa forma, aquilo que é tido como impuro é associado também ao sujo e à anomia, ao desordenado, posto em oposição ao sagrado, que representaria a pureza e o aceite social.

Estar à margem significa estar em ligação com o perigo, tocar numa fonte de poder. (...) Quando o indivíduo não tem lugar no sistema social, quando é, numa palavra, marginal, cabe aos outros, parece, tomarem as devidas precauções, precaverem-se contra o perigo. O indivíduo marginal nada pode fazer para mudar a sua situação. Na nossa própria sociedade, observamos uma atitude análoga em relação aos seres marginais. (DOUGLAS, 1991, p.74)

No entanto, as noções de perigo e poder se imbricam ainda mais a partir do contexto em que se inserem. No trecho citado, Douglas tende a colocar o peso nas estruturas sociais, diminuindo as formas de apropriação dos sujeitos e a relação disso com a conformação das práticas socioculturais. Mas de acordo com Certeau (1998), o sujeito submetido às leis do grupo dominante é capaz de se reinventar neste contexto,



agindo através de táticas, reempregando e ressignificando a partir dos recursos disponíveis. Mesmo não alterando concretamente a ordem em que está inserido, Certeau considera essa modalidade de ação como um resistir que, em última instância, recorre às astúcias.

### **Discursos e realidades no documentário**

O lixo como um signo associado à impureza também delimita um espaço de marginalidade e mais que isso, de invisibilidade, sendo elemento condicionante da prática discursiva sobre os catadores de materiais recicláveis e dos discursos produzidos pelos próprios sujeitos catadores.

Em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 1999, p.9)

Foucault aponta a existência de mecanismos internos e externos de controle do discurso. Para ele, o discurso seria coagido de três formas: limitando poderes, dominando aparições aleatórias e selecionando os sujeitos que falam. Além disso, o “discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 1999, p.10).

Deste modo, a disputa pelo poder de significar é também uma luta pela construção de realidades. Como formações discursivas, as realidades são um conjunto específico de enunciados, com regras, modalidades enunciativas e posições de sujeito próprios, que se relacionam num equilíbrio instável. Denota-se então a relação ativa entre discurso e realidade.

Foucault atribui papel fundamental para o discurso na constituição dos sujeitos sociais, uma vez que os enunciados posicionam estes sujeitos. Porém, diferente do “louco” de Foucault, que é reconhecido pelo discurso, o indivíduo catador não está sujeito aos processos de exclusão somente quando o seu discurso é percebido como marginal. Neste, o estigma está à flor da pele e ele não precisa ser ouvido para ser classificado. As marcas que produzem essa exclusão são visíveis e gritantes. Na construção discursiva do “Lixo Extraordinário”, os signos ligados ao impuro, como o



lixo e os porcos, são explorados e usados estrategicamente para garantir o “efeito de real” do documentário.

O pesquisador Bill Nichols reforça a ideia de que a realidade é tão produto de sistemas significantes em disputa quanto o próprio documentário que pretende se referenciar nela. Assim, Nichols discute três definições de documentário, problematizando as questões que são levantadas a partir destas delimitações. Propõe que o gênero documental seja discutido nas instâncias do realizador, espectador e texto. Como nos esclarece a professora Mariana Baltar, em artigo da Revista Digitagrama,

A reflexão desse autor americano é sobretudo inspirada na metodologia analítica de Foucault e nos preceitos de *dialogismo* – próprio do pensamento do russo Mikhail Bakhtin. É nesse sentido que, mais do que buscar uma definição para o documentário, Nichols vai refletir sobre tal problemática contida nas práticas discursivas do domínio do documentário. (BALTAR, 2004)

Considerar o gênero documentário como representação de uma realidade, sem problematizar as formações discursivas que o envolvem e que deste despontam, é cair na armadilha da representação, que naturaliza questões social e culturalmente construídas. O dialogismo para Bakhtin, citado em Baltar, é o princípio constitutivo do discurso, o modo real de funcionamento da linguagem, estabelecendo uma relação de sentido entre os enunciados. Assim, a linguagem seria sempre uma mediadora entre os sujeitos e as realidades. Os indivíduos não teriam acesso à realidade, assim como não a acessam via documentário.

### **Tião: O Extraordinário do lixo**

A primeira aparição de Tião Santos no documentário é num protesto pela categoria dos catadores de material reciclável, como líder da ACAMJG, em frente à prefeitura de Duque de Caxias. Em meio aos gritos de “*O catador organizado, jamais será pisado*”, ele empunha o megafone e diz

Estamos aqui representando os 3 mil catadores do Jardim Gramacho. Até hoje a coleta seletiva não foi implantada, até hoje o muro não foi construído, agora pra lotear e querer vender o terreno que o senhor doou com um compromisso com o Ministério Público! Foi construído um fórum de reciclagem sem um centavo da prefeitura, graças à organização dos catadores. E agora o senhor tá ignorando, fingindo que a gente não existe!

Nessa fala, Tião explicita o espaço do invisível ao qual os sujeitos catadores estão designados, especialmente diante do poder público. No decorrer do filme, são mostradas imagens do bairro Jardim Gramacho, onde está localizado o Aterro Metropolitano de Gramacho e da ausência de infraestrutura básica, como rede de saneamento e condições dignas de moradia. Tião é representado como a liderança no local e mediador dos encontros entre Vik e os demais personagens.

Após essa introdução, é promovido o encontro entre Vik Muniz e Tião, na sede da ACAMJG, associação da qual o personagem é presidente e um dos fundadores. Nessa conversa, Tião explica o processo de criação da associação, dizendo que *“quando a gente começou a pensar em fazer esse negócio, todo mundo ficava debochando. É, maluco, isso não vai dar em nada...”*. A construção do personagem é associada a sua história de vida e a superação das adversidades por meio do universo das táticas. Como por exemplo, a leitura e o contato com o pensamento de Maquiavel, através do livro *“O Príncipe”*, recolhido no lixo. Tião diz que foi muito importante essa leitura, pois era o momento em que ele estava se tornando um líder na associação. A partir dos recursos que tinha ao seu alcance, Tião se apropriou desse conhecimento e aplicou ao espaço em que vive, ao contexto em que está inserido.

Depois de ser fotografado por Vik na banheira, associando o *“líder dos catadores”* ao Marat da Revolução Francesa, a associação é assaltada e o dinheiro que serviria para pagar os catadores é levado. Tião, abatido, desabafa: *“A gente fica até pensando se vale a pena certas coisas. Acho que num vale... tem hora que dá vontade de desistir de tudo aqui dentro já. Dá vontade de ficar aqui não”*. As cenas seguintes são os personagens escolhidos preenchendo com material reciclável seus retratos projetados no chão de um galpão.

Os *“Retratos do Lixo”*, como foi intitulada essa série de trabalhos de Vik Muniz, são mostrados aos catadores depois de montados. Tião, ao se ver representado na obra, solta *“Caraca, maluco, tá eu igualzinho. Caramba, cara, nunca imaginei eu numa obra de arte”*. O quadro *“Sebastião, Marat”*, que representava Tião, foi escolhido para ir à venda num leilão em Londres e acabou se tornando o símbolo do próprio filme, assim como Tião.

O quadro é vendido por cerca de R\$ 74 mil. Tião, emocionado, diz que *“Tudo valeu a pena. Tudo que eu fiz até hoje, valeu muito a pena”*. Vik pergunta: *“Por que você tá aqui?”*, Tião responde: *“porque um dia eu e um amigo sonhamos em fundar uma associação. Fundou a associação, não sonhava, nem nada véi, ninguém*



*acreditava na gente, nem minha família. Ninguém acreditava em mim. Eu tô muito feliz, cara. Deus foi muito bom comigo, Deus foi maravilhoso”, ao que Muniz retruca: “Não, você é que é forte”. Em seguida, Tião liga para sua mãe, avisando da venda e revela: “Aqui é que nem eu fosse um pop star”.*

Já no final do filme, Tião aparece em duas entrevistas. Uma no Museu de Arte Moderna, na estreia da mostra dos “Retratos do Lixo”, falando que *“Vale a pena você se organizar para que defenda não só a posição dos catadores como uma categoria de trabalhadores na área da reciclagem, como também ser hoje uma obra de arte. Então vale a pena”*. Percebe-se uma ambiguidade na posição do catador, que ressalta seu lugar de luta na defesa da categoria, como também destaca a espetacularização midiática desencadeada pelo filme, ambas agrupadas sob o *“vale a pena”*.

A participação de Tião no filme é encerrada com a entrevista concedida ao “Programa do Jô”, em maio de 2009, onde ele demarca claramente seu espaço e sua posição, numa atitude, ao nosso ver, mais estratégica do que tática. Ao convocar Tião para o palco, Jô Soares se refere à categoria como “catadores de lixo”. Assim que tem a oportunidade, Tião o corrige: *“Posso fazer uma correção, Jô? A gente não é catador de lixo, a gente é catador de material reciclável. Lixo é aquilo que não tem reaproveitamento, material reciclável sim.”*

Levando em consideração os argumentos de Foucault, de que o discurso é o instrumento pelo qual se luta e o objeto em disputa, tem-se nesse posicionamento de Tião uma demonstração de embate pelo poder de nomeação. Ao defender a categoria de catadores de “material reciclável” e não de “lixo”, Tião está não só buscando reconhecimento da categoria de trabalhadores, mas também questionando as marcas discursivas que tratamos aqui como conformadora dos discursos produzidos por esses sujeitos invisíveis.

O material reciclável é diferente do lixo. Portanto, “nós, catadores”, não somos o lixo, o inaproveitável. Tião, que antes ocupava uma posição tática quase invisível na estrutura social, se apropria das “artes do fraco” para agir sobre o espaço controlado pela estratégia, garantindo sua visibilidade e legitimidade em determinados discursos, ao mesmo tempo em que promove o produto audiovisual.

### **Do tático ao estratégico**

Para Certeau, o que diferenciaria as táticas das estratégias seriam os tipos de operações possíveis em cada uma dessas modalidades de ação, sendo a primeira



marcada pela ausência do poder, enquanto à última caberia o poder de significar os diversos campos da vida social. Discutimos anteriormente as formas de ação tática, via discurso, do personagem Tião Santos no documentário “Lixo Extraordinário”. Propõe-se agora um olhar sobre a trajetória pós filme da “personagem da vida real” em questão.

Tal proposta somente é possível pelo lugar de produção de mundo que a mídia detém. No caso específico do gênero documental, a estética realista adotada reforça o seu lugar legítimo nesta construção do que seria uma “realidade social”. O documentário é capaz de estabelecer um pacto de leitura com o espectador focado na realidade e na informação, como se o que estivesse ali fosse mesmo uma fatia do real. Para isso, Bill Nichols responde

Los documentales son una ficción con tramas, personajes, situaciones y sucesos como cualquier otra. Ofrecen carencias, retos o dilemas en la introducción; van construyendo tensiones cada vez mayores y conflictos de creciente dramatismo, y acaban con una resolución y la clausura. Hacen todo esto con referencia a una «realidad» que es una construcción, el producto de sistemas significantes, como el propio documental. Al igual que las realidades construidas de la ficción, esta realidad también debe investigarse y debatirse como parte del dominio de la significación y la ideología. La noción de cualquier acceso privilegiado a una realidad que está «ahí», más allá de nosotros, es un efecto ideológico. Cuanto antes nos demos cuenta de eso, mejor. (NICHOLS, 1997, p.149)

Assim, entendemos que a realidade mostrada no filme “Lixo Extraordinário” é também uma construção discursiva que atende aos interesses em jogo. Para exemplificar a produção de realidade efetuada pelo filme e os potenciais conflitos, tomamos a reportagem “Lixo Extraordinário divide opiniões no Jardim Gramacho”, veiculada pelo site do jornal “O Globo” em 27/02/2011. A matéria tratava da estrutura montada em Gramacho para que os moradores pudessem acompanhar a cerimônia de entrega do Oscar (Lixo Extraordinário concorria à estatueta de “Melhor Documentário”). Ao serem entrevistados, dois trabalhadores do lixo dizem que não se sentiram representados pelo filme.

*Quem trabalha no aterro é sempre retratado como mendigo. O filme não mostra bem a nossa realidade, mas estou torcendo por ele.*

*Adriano Alves, 30 anos.*

*Escolheram pessoas para aparecer no filme que não representam a realidade de quem está aqui há mais tempo. Achei uma porcaria.*

*Nega Lúcia, 51 anos.*





Através destas falas percebemos, mesmo que superficialmente, os conflitos representacionais gerados a partir do documentário. A realidade em sua totalidade é inapreensível, já dizia o sociólogo Max Weber, e num gênero que se propõe a retratar uma realidade, tais conflitos se tornam ainda mais evidentes.

Para Certeau, as estratégias seriam definidas pelo

cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar de ser suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc). (CERTEAU, 1998, p.99)

Tomando como base essa definição, destacamos algumas falas em entrevistas concedidas por Tião Santos, como a já citada no programa do Jô Soares em 2009. Quando Tião corrige o termo “catador de lixo”, utilizado pelo entrevistador, a visibilidade que este ato traz é bastante simbólica, tanto que Tião e até mesmo algumas pessoas presentes nas palestras e eventos onde ele está, citam o acontecido. Isso fica ainda mais claro na próxima fala, realizada numa palestra dada para profissionais de Gestão de RH, no Congresso RH-Rio 2011: *“A sociedade, que nos via como um lixo, hoje já questiona como pode contribuir com o nosso trabalho, isso é muito animador”*.

Tião passa a falar de um outro lugar que não mais o do quase invisível. Seu lugar de fala é legitimado via filme, onde é narrado como “Embaixador de Gramacho” e voz autorizada nas questões que permeiam o filme. Essa última fala, além de servir como modelo para nossa proposta, levanta outra questão.

Como vimos anteriormente com Mary Douglas, as marcas de impureza foram construídas cultural e socialmente, demarcando espaços de fala e de marginalidade social. Na expressão de Tião, a sociedade teria mudado seu pensamento acerca do lixo e dos sujeitos catadores, diretamente relacionados ao lixo. No entanto, os signos de impureza continuam em Gramacho, por exemplo, conformando os campos de possibilidades de quem sobrevive lá. O Tião Santos tem autoridade para entrar no auditório de uma universidade, ser ouvido e tratado como um “igual” pela classe média predominante nesse espaço. Mas acreditamos que o “Outro” catador, que não tivesse a visibilidade que ele teve, não teria esse mesmo tratamento. E seria bem possível que até mesmo sua entrada não fosse permitida no ambiente da universidade.



Tião não precisa mais ir na porta da prefeitura protestar por coleta seletiva. A visibilidade midiática dada ao personagem e à causa dos catadores de material reciclável de Gramacho permitem que ele aja de maneira muito mais abrangente do que antes e com o respaldo de uma autoridade midiática inexistente antes de “Lixo Extraordinário”. Tião Santos hoje é o coordenador nacional de logística do “Limpa Brasil”, um movimento internacional relacionado à discussões e ações que envolvam as políticas de descarte de resíduos sólidos, além de ser convidado como palestrante em diversos eventos ligados, principalmente, às questões ambientais e sociais relacionadas ao lixo.

O personagem Tião, tanto do documentário quanto do cotidiano, se utilizou de uma “brecha midiática” e agiu taticamente sobre esta, de acordo com os seus interesses como líder de um movimento social. Mas ao mesmo tempo que ele reinventou sua luta a partir das oportunidades que teve, se inserindo nos espaços disponíveis, outros discursos também se apropriavam dele segundo estratégias de ação. Os deslocamentos discursivos se dão em ambos os lados, porém em proporções desiguais.

No discurso pronunciado no encerramento da palestra dada no IV Congresso Nacional de Responsabilidade Socioambiental, em maio de 2011, Tião termina assim:

“Eu quero terminar só dizendo que eu sempre defendi a coleta seletiva por três questões, até antes. Uma pela questão social, pela questão ambiental e pela questão financeira. O Brasil perde muitos bilhões anualmente porque não tem um sistema eficiente, eficaz de coleta seletiva, mas hoje eu posso colocar mais um acréscimo. Eu defendo a coleta seletiva também por uma questão de estado de espírito. Quando você, por isso que eu falei pro Jô que a gente não é catador de lixo, a gente é catador de material reciclável, quando você pega tudo de uma forma indiscriminada, junta e vai pro aterro de Gramacho, é que é lixo. Então você tá dando o pior de você pras pessoas, é o resto, é o rejeito, é o que você não quer, é o que você repudia. Quando você separa na sua casa, materiais por materiais, e tem o prazer de destinar, você tá dando o melhor, você tá perdendo o seu tempo, você tá pensando no próximo, você tá pensando num mundo melhor e no mundo que você quer deixar pros seus filhos. Então coleta seletiva também é uma questão de estado de espírito. E é isso que eu tenho defendido e vou continuar defendendo durante a minha vida, porque também não tem alegria na pobreza, como eu falei com meus amigos, é... desculpe a palavra, mas o Joãozinho Trinta falava uma coisa muito certa, pobreza é coisa que só intelectual que gosta de ficar discutindo. E aí o Betinho tem outra frase também que é marcante, “quem tem fome, tem pressa”, e quem vive na pobreza não vê dignidade, não existe dignidade na pobreza. Brigado”

Nesta fala, Tião demonstra a discussão trazida por Douglas, acerca dos signos de impureza que permeiam esses espaços de marginalidade. E simultaneamente, se conecta a esses signos através de sua história de vida ligada à atividade da catação e à pobreza,



se distinguindo do espaço em que se encontrava, mas também se utilizando desse mesmo espaço para exercer seu papel estratégico.

Quando pede desculpas pelo que falará, Tião se coloca numa posição diferenciada daqueles que estão assistindo sua palestra. Ele passa a deter o poder de produção de sentido acerca dos enunciados para o qual foi autorizado, tanto que está numa posição de palestrante, do sujeito a ser ouvido, deslocando-se do universo da tática.

### **Considerações Finais**

Segundo Michel de Certeau, o “ato de falar é um uso da língua e uma operação *sobre a língua*”(1998, p.97). A natureza dessas operações estaria ligada também a uma relação de poder, definindo as redes em que se inscrevem e delimitando as circunstâncias, assim como Foucault sugere nos mecanismos de controle do discurso.

A mídia audiovisual agiu como elemento central na mudança ocorrida no posicionamento discursivo de Tião Santos. Garantindo visibilidade midiática à causa defendida por Tião, não por boa ação, mas por estratégia, e ele, como sujeito inicialmente pertencente ao campo de ações táticas, se apropria dessas brechas reinventando o espaço ao qual era destinado na ordem do discurso.

O deslocamento do lugar tático para o estratégico em Tião só foi possível pela relação imbricada entre sujeitos e estruturas. Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu, os campos seriam constituídos pelas relações entre agentes e estruturas, que por sua vez seriam constituídos por estruturas estruturadas e estruturas estruturantes, ou seja, tanto os sujeitos quanto as estruturas teriam poder de ação, circunscritos aos fatores condicionantes do campo de possibilidades destes agentes sociais. Nesse sentido, houve um alargamento do campo de possibilidades de Tião Santos.

Para Certeau, as estatísticas funcionalistas deixariam de fora das análises a riqueza das práticas cotidianas. Certeau entende que os usos, os “modos de fazer com” são essenciais na compreensão das disputas que se dão em torno da produção do discurso e no próprio discurso produzido. Relembrando Foucault, o discurso é aquilo por que e pelo que se batalha, é ao mesmo tempo o objeto de desejo e o instrumento de luta.



## Referências bibliográficas

BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BARTHES, R. "O efeito do real". IN: **O rumor da língua**. SP, Martins Fontes, 2004.

BALTAR, M. **Reflexões sobre o lugar do documentário**. Revista Digitagrama, nº 2, 2004.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 13ª Edição.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – Artes do fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. 3ª Edição.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 5ª Edição.

NICHOLS, B. **La representación de la realidad**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1997.

## Filmografia

LIXO Extraordinário. Direção: Lucy Walker. Co-direção: João Jardim e Karen Harley. Produção: Angus Aynsley, Hank Levine. Rio de Janeiro: O2 Filmes, 2009.